

A CONSTRUÇÃO DE SUBJETIVIDADES NA RECEPÇÃO DE IMAGENS

CLARA CELINA RIBEIRO DA ROSA¹; GILMAR ADOLFO HERMES²

¹Universidade Federal de Pelotas – claraa_1995@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - ghermes@yahoo.com

1. INTRODUÇÃO

Tendo como ponto de partida o viés de que a comunicação, para além da construção entre comunicador, mensagem e receptor, engloba todo seu contexto cultural e as áreas mais subjetivas da percepção humana, selecionaram-se duas imagens que possuem como ponto de reflexão o encontro entre culturas opostas. Propõe-se, a partir de análise estética (DONDIS, 1997) e do recolhimento de dados mediante entrevistas, refletir sobre a desconexão entre a natureza e a cultura ocidental (WILBER, 2010) e evidenciar o quanto as imagens repercutem no interior dos indivíduos (BARROS FILHO, 2005).

Tenta-se, portanto, exaltar o quanto a comunicação possui grande potencial de autocrítica na medida em que os indivíduos se permitem analisar a forma com que atribuem sentidos na recepção de informações. Dessa forma, o diálogo a respeito da significação das imagens serve de mediação para a reflexão do processo intersubjetivo de construção da comunicação.

2. METODOLOGIA

Considerando os aspectos do inconsciente coletivo que permeiam a cultura ocidental e remontam ao que Ken Wilber (2010) chama de dissociação europeia, selecionaram-se duas imagens que retratam a união entre elementos que representam aspectos ligados a essa cultura (religião cristã e tecnologia) e que expressam uma relação mais direta com a natureza (cultura indígena e uso de ervas com efeitos psicoterápicos). A partir de abordagem qualitativa, as fotos foram mostradas em sequência para um grupo de dez indivíduos. Teve-se o cuidado de escolher um grupo diversificado, de forma que a atribuição de significados não ficasse limitada a apenas um viés social.

A escolha foi feita por pares, de forma que cada par possui afinidades culturais (dois estudantes de cinema, dois estudantes de arquitetura, dois indivíduos com ensino médio completo na faixa dos 20 anos, dois indivíduos com ensino médio completo na faixa dos 50 anos, dois indivíduos iletrados na faixa dos 70 anos). A cada par, um indivíduo ficou sabendo também o título das reportagens que acompanhavam as imagens e um apenas visualizou a imagem.

A entrevista consistia em falar os títulos e mostrar as imagens, ou apenas mostrar as imagens, e pedir que o entrevistado falasse o que sentia e/ou lhe vinha à mente após visualizá-las. Após coletar as respostas, traçou-se reflexão a partir da análise estética das imagens apresentadas, tendo em vista os conceitos estéticos apresentados por Donis A. Dondis (1997) e de estudo de recepção, levando-se em conta as perspectivas propostas por Ken Wilber (2010) e Barros Filho (2005), na tentativa de melhor compreender o processo através do qual os indivíduos atribuem significações.

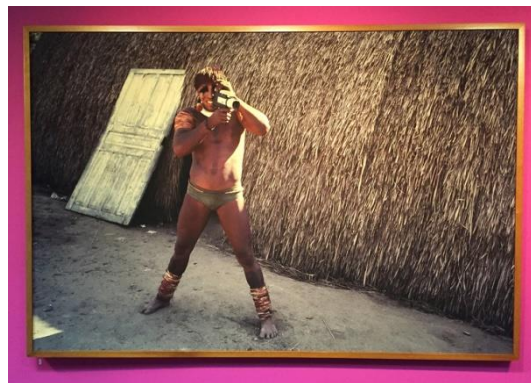
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Imagem / Reportagem 1



Fonte: “Série de fotos capta as freiras da Califórnia que cultivam maconha nos fundos de casa.”
Recorte da reportagem e imagem retirados da plataforma da Mídia Ninja¹

Imagem / Reportagem 2



Fonte: “Indianidade ou Morte”
Imagem e recorte da reportagem retirados da plataforma Fluxo²

Nas entrevistas, a imagem das freiras no geral remeteu à serenidade, muito foi levada em conta a presença das plantas e sensações boas. Houve exceções, no entanto, em um caso remeteu-se à melancolia devido às cores frias e em outro, quando exposto o título, tendo em vista o peso cultural, foi vista como uma imagem feia.

No caso da imagem do índio com a câmera que ilustra a reportagem sob o título “Indianidade ou Morte”, a imagem foi vista com inicial estranhamento, sendo comumente recebida com exclamações de “O que é isso?”, tendo em vista a composição da imagem, foi associada à angústia e incômodo. Quando a análise pendia para um viés racional, no entanto, foi muito associada à ideia de descobrimento, ao interesse do índio pela câmera.

Levando-se em conta a perspectiva de Donis A. Dondis (1997) de que “recorremos àquilo que o poeta chama de ‘olho da mente’ para pensar em termos visuais” (DONIS, p. 109, 1997), ao trabalhar com análises estéticas, não se pode deixar de levar em consideração a intenção do fotógrafo. A forma com que a imagem é composta carrega o peso da ideia que se deseja propagar.

¹Disponível em: <https://ninja.oximity.com/article/S%C3%A9rie-de-fotos-capta-as-freiras-d-1> Acesso em 19 de Abril. 2016.

²Disponível em: <http://www.fluxo.net/tudo/2015/9/7/viveirosfotografo> Acesso em 19 de Abril. 2016.

Na primeira imagem, as freiras exercem uma perspectiva representacional cultural que remete a uma esfera simbólica de paz e tranquilidade; a maconha exerce uma representação que, por um lado, pode remeter à mesma perspectiva, mas por outro, a uma esfera de vício quando associada a uma perspectiva conservadora.

A elaboração de tais valores na composição da imagem surtiu efeito na medida em que os entrevistados tenderam a associar a presença das freiras em união às plantas a elementos transcendentais, tais como “contemplação”, “cura”, “serenidade”. Somente partindo para o questionamento do uso da planta quando informados se tratar da mesma a partir da informação no título da reportagem.

A reflexão sobre a utilização do contraste proposta por Dondis (1997) esclarece parte desses sentidos atribuídos à imagem. Tendo em vista que o fotógrafo parece desejar transparecer a esfera de tranquilidade por trás da situação, utiliza de cores frias e o contraste só aparece na iluminação, de forma a ressaltar o calmo semblante das freiras. Tal elaboração dá à imagem uma ideia de ambiente inerte, o que, por outro lado, também acabou remetendo a uma associação melancólica.

O organismo humano parece buscar a harmonia, um estado de tranquilidade e resolução que os zen-budistas chamam de ‘meditação em repouso’ (...) O contraste é a força de oposição a esse apetite humano. Desequilibra, choca, estimula, chama a atenção. Sem ele, a mente tenderia a erradicar todas as sensações, criando um clima de morte e de ausência de ser. (DONDIS, 1997, p. 108)

O principal ponto de contraposição da imagem, contudo, parece dar-se em seus traços e formas, enquanto o ambiente, as vestimentas e a expressão das freiras passa uma ideia de previsibilidade, as formas da planta e da fumaça (também associada à ideia de espiritualidade) sugerem espontaneidade. E talvez seja justamente esse o principal ponto de reflexão por trás da mensagem visual: a convenção da Igreja em conjunção com a impulsividade da natureza.

No caso da segunda imagem, com influência do título ou não, evidenciou-se que a foto assusta. Isso pode ser relacionado à presença da silhueta em posição ativa, mas também pela necessidade de se identificar do que se trata o objeto que o índio segura, o que ficou claro a partir de questionamentos recolhidos nas entrevistas, tais como “O que é isso na mão dele?” “Não, não é uma arma” “Tirando foto? Que índio moderno”.

Levando-se em conta a recepção da imagem, poder-se-ia dizer que nela se encontra o embate entre diferentes culturas, uma que é a expressão de uma relação mais direta com a natureza e nossas origens e outra que preza pelo desenvolvimento tecnológico.

Em ambos os casos, o choque causado pelo contraste então apontado por Dondis (1997) não se refere às imagens em si - tendo em vista que ambas utilizam apenas da iluminação como técnica sutil de chamar atenção -, mas da ideia que ambas carregam. Afinal de contas, como já aponta Barros Filho (2005), “[s]ó tem valor o objeto quando convertido em mensagem, quando flagrado” e de acordo com ele, essa percepção já é condição de valor.

Pode-se, portanto, dizer que as mensagens/imagens chocam porque colocam em evidência o confronto entre diferentes valores culturais. A conjunção entre elementos da natureza e da tecnologia, civilização e primitivismo. Esse sentimento de perturbação perante tudo o que é natural, perceptível a partir das entrevistas, remonta à chamada Dissociação Europeia

apontada por Ken Wilber (2010), quando a evolução da racionalidade humana acabou por reprimir aspectos naturais e biológicos.

Freud (2010) explicava isso como uma luta entre Eros – o instinto de preservação da vida – e a morte. Na qual a civilização agia para deter um possível instinto de autodestruição humano e, a partir disso, originava certos valores como forma de censura. Quem ia contra esses valores acabava sendo visto a partir de uma perspectiva má, na medida em que o mau era tudo aquilo que pode privar do amor, do reconhecimento.

O problema parece estar no fato de que com a evolução não foram deixados para trás apenas aspectos da selvageria possivelmente patológicos, mas tentou-se censurar toda forma de manifestação biológica, rompendo-se o contato com a natureza.

Como colocado por Neumann: “Nossa intranquilidade ou desassossego cultural deve-se ao fato de que a separação dos sistemas [mente e corpo] – em si mesma um produto necessário da evolução – degenerou em um cisma [dissociação] e precipitou uma crise psíquica cujos efeitos catastróficos se refletem na história contemporânea”. Não é, portanto, a existência do ego per se que é lamentável, mas a incapacidade de integrar o ego recém-emerso aos domínios [...] prévios, os domínios do instinto, da emoção, da percepção e das atividades corporais. (WILBER, Ken. p. 259, 2010)

Ato falho, já que como aponta Barros Filho (2005) “o estado social é uma continuidade do estado natural; em outras palavras, o homem se socializa segundo uma necessidade que não escapa à ordem natural, e esta socialização dinâmica é, antes de tudo, afetiva”. Não é à toa que para Freud (2010) a medida para a maldade é a perda do amor e Barros Filho (2005) ressalta que a medida do valor é o desejo.

4. CONCLUSÃO

A partir de análises estéticas se torna possível remontar sentimentos e dogmas existentes no inconsciente coletivo. A imagem comunica para além da simples anúncio verbal, é capaz de dialogar com o interior de quem a lê, sem para que isso seja necessário grande processamento. Simplesmente age, através da percepção, trazendo a tona estímulos espontâneos.

Dado o exemplo das reportagens trabalhadas, as fotografias vão muito além do simples papel de retratar o tema proposto. A ilustração de “Indianidade ou Morte” age como evidência na medida em que a partir do estranhamento de quem a observa deixa clara a desconexão do indivíduo ocidental com a natureza.

5. REFERÊNCIAS

BARROS FILHO, Clóvis de; LOPES, Felipe Lopes ISSLER, Bernardo. **Comunicação do Eu: Ética e Solidão**. São Paulo, Vozes, 2005.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Caráter e conteúdo do Alfabetismo Visual. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Freud, Sigmund. Freud (1930-1936): **O mal-estar na civilização e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KEN, Wilber. **Éden: queda ou ascensão?** Uma visão transpessoal da evolução humana. Campinas: Verus Editora, 2010.